

## As Dispensas das Aulas de Educação Física: Estará a Juventude Portuguesa Doente?\*

José Gregório Viegas Brás\*\*

É no sentido do significado que as Dispensas das aulas de Educação Física representam que situámos a nossa intervenção. E desde já assinalamos também que é no sentido amplo do termo que nos referimos às dispensas. Para nós integram-se nesta categoria todos os actos passíveis de contribuírem para a privação do processo de influência da Educação Física, ou inclusivamente de fomentar a redução/anulação das expectativas compartimentais desejáveis do aluno.

São formas particulares de dispensar e/ou de prescindir das aulas de Educação Física, a ausência de instalações, a inexistência de um sistema de avaliação igual ao que regulamenta as restantes disciplinas (Ensino Secundário), as ausências prolongadas sem justificação e a curiosa Portaria n.º 406/87 que coloca ao critério dos alunos federados a decisão sobre a frequência ou não das aulas de Educação Física.

A Dispensa das aulas de Educação Física corresponde à mediação que a escola faz para a integração e formação de um corpo social. O Estado pela mão dos governantes políticos, prescrevem a receita e, muitos dos professores, médicos e pais, consciente ou inconscientemente em maior ou menor grau e de diferentes maneiras colaboram na profílexia.

Antes de mais nada a Dispensa das aulas de Educação Física provoca a desvinculação psicológica dos alunos e visa passar um certo tipo de conhecimento ideológico. Por consequência, o afastamento e o esvaziamento

---

\* Comunicação apresentada no simpósio «Actividade Física na Escola», organizado pelo Centro de Investigação Médico-Desportiva.

\*\* Vogal da direcção da SPEF e Assistente no curso de Licenciatura em Educação Física e Desporto da ULTH.

Boletim SPEF, n.º 13 Inverno de 1996, pp. 61-66.

mento da tensão emocional que a Dispensa desencadeia, tem um impacto negativo sobre o desenvolvimento dos alunos e é um sinal revelador do reducionismo educativo que nós temos.

Muitos são aqueles que admitem esta situação particular com indiferença, naturalidade ou mesmo até agrado. Todavia, entre a Obrigatoriedade e as Dispensas das aulas de Educação Física abrigam-se concepções educativas que não são neutras em relação aos mecanismos formativos que accionam.

Em nossa opinião, tenta-se escamotear a gravidade da situação, lançando-se a ilusão que os fins a atingir são independentes dos percursos, tendo cada um, em qualquer circunstancia, lugar cativo no paraíso. Daí que se enfatize a fé no indivíduo para a realização pessoal, dando por vezes ate a ideia da necessidade da supressão da educação compulsiva. Mas isto não e senão uma falsa questão. Esta imagem ingénua aplica-se exclusivamente à Educação Física. Daí que consideremos esta concepção concepção no sentido do ANGELISMO, muito embora se apresente de forma bicéfala. Uma das vertentes desta concepção apresenta-se sob a forma de um OPTIMISMO LAXISTA e a segunda na linha de uma Tecnocracia Organicista.

Na via do Optimismo Laxista a pessoa nasce descarnada do processo de socialização. Cada um é o que é, apto ou inapto, independentemente da regulação psicológica que cada sistema cultural e respectivo processo de socialização tem por referência. A pessoa é parida por um fenómeno a-histórico gerado num vazio social. Por conseguinte parte-se do pressuposto que a criança se desenvolve à margem da ordem axiológica, desvinculada do processo de influência social e quebrando simultaneamente a ideia generalizada da imaturidade etária. É convicção que o processo é guiado por um piloto automático conduzindo por certo a bom porto. Não há necessidade para temores porque a viagem é sempre perfeita.

Nesta acepção, o carácter compulsivo da Educação cede lugar à famigerada Dispensa com a intenção de atenuar, ou mesmo até retirar, toda a conotação abusiva, inútil e até repressora da acção pedagógica.

Assim, a Educação Física, enquanto processo educativo dirigido a todos, perde SOBERANIA, ficando na melhor das hipóteses como uma OFERTA que cada um pode aproveitar como quiser. Nestas circunstâncias, a Educação Física faz-se nalgumas escolas e sujeita aos ímpetos momentâneos dos alunos. O ensino passa a ser LEGITIMADO por motivos de ordem EMOCIONAL. A aprendizagem fica dependente da disposição, boa-vontade e gosto dos alunos em quererem participar. No seu limite esta ideia devolve e encaminha o processo para o autodidactismo, na ilusão de que tudo e reversível ao mesmo resultado.

Esta orientação que se resguarda na concepção Angélica, esta impregnada de uma moral anémica, pois entrega de mão beijada o processo de influência a outros menos preparados que o professor. Referimo-nos

concretamente aos adeptos fervorosos que fazem parte do *gang* da rua, à clublíte do bairro, ao hooliganismo, às batalhas campais promovidas pelas clagues. Inclui-se também aqui um outro tipo de influência mais discreta mas nem por isso menos perigosa. Vem ela de todos aqueles que consideram a Educação Física dispensável. Por vezes até pessoas tidas como bem pensantes questionam-se sobre esta necessidade, pois eles próprios servindo como exemplo, dizem nunca a terem feito e nem por isso morreram.

Na base deste raciocínio exemplar seria de perguntar aos seus defensores se entendem que só agora em 1995 é que se vai iniciar a Educação Sexual em Portugal. Como sabem só no presente ano lectivo foi lançado a título experimental uma experiência piloto sobre Educação Sexual. Significará isto que nunca existiu Educação Sexual em Portugal? A admitirmos que sim, e também a ser admissível que o acto sexual não se consumou por falta de informação, constatamos no entanto que o povo Português não morreu. Admitamos igualmente os mesmos pressupostos para a Educação Física, na certeza porém que mesmo que ninguém morra, sem dúvida alguma que a vida tem muito mais qualidade com Educação Física... e com Sexo.

É de estranhar que se ande constantemente a titubear em relação ao exercício da influência da Educação física e exista simultaneamente uma indiferença total em deixar os alunos em etapas sensíveis da sua formação no meio deste fogo cruzado.

No processo de socialização nada é poupado, nada fica de fora. Como diz Bertrand Russel, o PODER é um aspecto inevitável de todas as relações humanas, sendo por sua vez a TRADIÇÃO uma das fontes psicológicas do PODER. Por isso é completamente contraproducente deixar o processo em mãos alheias.

A tradição gera expectativas comportamentais que exprimem uma relação preconceituosa com a Educação Física, o que inevitavelmente vai influenciar o processo perceptivo do aluno. Aplica-se aqui a tática clássica do condicionamento — quem seguir o modelo que o sistema prescreve será apreciado, elogiado e recompensado, quem lhe desobedecer é desconsiderado pelos seus mais próximos e eventualmente marginalizado.

Esta situação de influência reflecte-se na selectividade perceptiva, o que afecta a componente motivacional. A força da tradição fomenta e favorece uma representação cognitiva distorcida da Educação Física com a correspondente carga afectiva negativa, formando-se por consequência predisposições inibidoras à sua prática.

Esta concepção põe em marcha a moralização da inactividade, imprimindo um sentido de consciência social que se manifesta pelo desprezo em relação a esta dimensão da humanidade.

Na verdade, a concepção Angélica é usada como uma máscara para dissimular de forma subtil a sua verdadeira matriz. Verifica-se que os

princípios subjacentes ao pudor em relação ao processo de influência da Educação Física não são extensivos ás outras áreas curriculares. O que está em jogo é afinal um treino técnico e motivacional para a representação dos diferentes papéis sociais. Significa que a Concepção Angélica também se pode traduzir por uma Tecnocracia Organicista.

Apesar das transformações sociais operadas nos últimos tempos, a escola continua ainda subjugada a CONCEPÇÃO ORGANICISTA da sociedade. Tal como os órgãos do corpo humano, cada um é formado para ocupar uma posição com funções perfeitamente definidas, representando perda de tempo tudo o que extravaza os limites estreitos desta subtracção.

Na escola, as diferentes áreas curriculares distribuem-se numa escala valorativa (hierarquia) que depende da importância e função do «órgão» que corresponde respectivamente no mundo do trabalho. O currículo dos alunos fica assim dividido em áreas de *status*, verificando-se uma estratificação por disciplinas consoante o respectivo prestígio que lhe está associado. Nesta ordem, os alunos são aliciados a investirem nas matérias da mais alto status porque é aí que mora a recompensa.

A instituição escolar tem uma atmosfera emocional que arrasta os alunos a estabelecerem dois tipos de relação com as diferentes disciplinas: tensão, empenhamento, estudo, dedicação, ou pelo contrário, lassidão, despreocupação, descompressão, desleixo. Sabe-se hoje que a relação afectiva é um factor psicológico importante para a compreensão do comportamento.

Temos assim uma educação caracterizada por um especialismo fixista paranóico, seguindo a lógica do trabalho e da educação corporativa. A escola serve assim de mecanismo, de correia de transmissão, produzindo o homem fragmentado. O corpo apenas interessa como instrumento, formando-se apenas mercenários para o trabalho.

O investimento político está estreitamente relacionado com a sua utilização económica. É como força de produção que o corpo é pressionado a aderir aos mecanismos de aprendizagem que geram por sua vez certo tipo de saber em função do exercício do poder.

A economia política do corpo restringe o desenvolvimento das competências ao mero domínio das forças de trabalho. Nesta sequência, a escola está mais apostada em imprimir um ascetismo de tipo monástico, cujo objectivo é mais sacralizar a produção de renúncias, do que abrir perspectivas de vida através da descoberta de novas sensações e emoções saudáveis.

A CONCEPÇÃO ANGÉLICA da educação enraíza-se na Cultura Dominante, sendo esta um dos principais obstáculos ao desenvolvimento humano. Em certo sentido podemos traduzi-la por uma Cultura de Aviário.

Como sabem a finalidade do aviário é produzir o quilograma de frango ao mais baixo preço possível. Diminuir as despesas para que o preço de venda ao público seja convidativo. Para isso, empilham-se, comprimem-se os animais com a supressão do que aparentemente e supérfluo. O que se pede, o que se exige, o que se implora é que a galinha seja rentável.

A frango é tratada como um produto, submetendo-se de igual modo às leis económicas. Ninguém se preocupa com o seu Bem-Estar. Mesmo até que parte deles não resistam as condições de existência, caso o número não seja muito elevado o projecto continua a ser economicamente viável.

A escola funciona segundo a lógica do aviário. O que importa é produzir o homem rentável ao mais baixo preço. O que o sistema pede é o professor máquina capaz de transformar a matéria aluno no homem rentável, o que se pede é que se produza industrialmente o homem rentável a baixo custo. E se alguém não resistir, caso a percentagem não seja alarmante, o projecto continua a ser economicamente viável.

O progresso técnico está divorciado do progresso humano. A educação tem que ser mais antropocêntrica e a escola não pode continuar a exercer uma acção castradora. Se saúde não é só ausência de doença, se implica o pleno desenvolvimento da personalidade, significa que a Educação física está em óptimas condições para preencher este requisito.

Estará a juventude portuguesa doente? Mais grave do que isso. É no próprio sistema que reside o principal foco de contaminação. Temos um sistema que evidencia sintomas de uma grave patologia. E torna-se potencialmente perigosa porque assedia permanentemente os alunos a aderirem ao modelo do «homem admirável». Se queremos uma escola que promova valores que estão para além do homofáber, temos que implementar processos que visem responsabilizar o aluno a desenvolver uma consciência de bem-estar. Tal passa necessariamente pela promoção da pessoa com a exclusão da alienação, rumo a mais ser e melhor ser.

Contrariamente à ideia banalizada, a Educação Física também tem interesse utilitário. E a sua principal utilidade reside na possibilidade de potencializar a qualidade de vida de cada um. A pedagogia das actividades físicas tem que fazer parte da Educação para a Saúde, sendo necessário e indispensável valorizá-la para que tenha um papel importante na promoção de estilos de vida saudáveis.

É fundamental possibilitar aos jovens a aprendizagem de uma nova maneira de viver. Cada um deve aprender e ser encorajado a gerir a sua vida com prazer e formas de convívios saudáveis.

É preciso encontrar uma nova moral. Uma moral que não seja antimoral, isto é, que não gere e difunda a doença social. Uma moral

com sistema imunológico e tendo por antídoto a pedagogia das atividades físicas.

É preciso acabar com o acumular de experiência (para) sedentária e respectivos estados emocionais que são promovidos e desenvolvidos implicitamente durante o longo processo escolar. Aos políticos, aos professores, aos médicos, aos pais do presente e do futuro cabe-lhes a nobre tarefa pedagógica de acabar de vez com a produção deste corpo social mentalmente inapto. É preciso que este novo humanismo aposte e invista numa nova forma de sentir, pensar e agir. Em suma, o que é desejável é humanizar a educação.